



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE

PRESIDENTE: TONINHO PAIVA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CEU PERUS – VILA MALVINA
DATA: 09 DE JUNHO DE 2018

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Suspensão

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Boa tarde a todos. Declaro abertos os trabalhos da 12ª audiência pública da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, lembrando que a íntegra desta audiência pública estará disponível ao público em geral no Portal da Câmara: www.camara.sp.gov.br, link Audiências Públicas, Registro escrito.

Informo que esta reunião audiência pública vem sendo publicada no Diário Oficial do Município diariamente desde o dia 26 de maio de 2018 e tem a finalidade de tratar das obras do Parque Linear do Ribeirão Perus, conforme requerimento de número 17, de minha autoria, aprovado nesta Comissão.

Suspenderei os trabalhos para aguardar os nossos convidados. Convidamos três secretarias para participar desta audiência pública: Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras, Vitor Levy Castel Aly, que indicou o engenheiro Pedro Luiz de Castro Algodoal, que será o representante nesta audiência pública da Secretaria; Eduardo Castro, Secretaria de Verde e Meio Ambiente; e Fernando Barrancos Chucre, Secretário Municipal de Habitação.

- Suspensos, os trabalhos são reabertos sob a presidência do Sr. José Police Neto.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Convido para compor a Mesa a Sra. Luciana, Prefeita Regional; engenheiro Pedro Algodoal, que representa, neste ato, o Executivo, e trará as informações pertinentes ao Parque Linear do Ribeirão Perus.

Agradeço a presença dos alunos do Cieja. Pretendemos percorrer todo o processo de elaboração do projeto e licenciamento do projeto do Parque Linear do Ribeirão Perus e também percorrer as fórmulas encontradas pelo Executivo para seu financiamento e implantação, por isso o esforço de trazer os técnicos que atuam no setor de projetos de drenagem, no caso, o projeto vai dialogar muito com essa questão de retenção das cheias, portanto retenção de águas de chuvas para fora do perímetro do bairro, portanto há uma tese construída pelo Executivo, ainda nos anos de 2008, 2009, de se ter uma área de reservação

antes da travessia do rodoanel, portanto, retendo as águas ainda longe da região habitada, mas antes de passar a palavra para o Pedro, vou passar a palavra para nossa prefeita Regional para que possa fazer as saudações, agradecendo a gestora, Fernanda do nosso CEU, muito obrigado pela cessão de espaço, muito mais que isso, parabéns pela confraternização junina que a comunidade realiza hoje dentro dos CEUs seja pela presença do grupo de idosos, pelo menos pude acompanhar lá fora, seja pelas crianças que agora estão lá dançando, estão reunindo as gerações de Perus, se divertindo aqui nesse espaço importante como esse, agradecendo todos os técnicos que estão permitindo a gente realizar esse encontro, e chamar meu colega Vereador Fábio Riva, para sentar aqui conosco e passar a palavra para nossa Prefeita Regional para dar boas vindas a todos os senhores e senhoras que vieram, não só prestigiar, mas debater um tema importante, o de drenagem na nossa região.

A SRA. LUCIANA – Boa tarde a todos, Boa tarde aos Srs. Vereadores José Police Neto, e Fabio Riva. Ao Pedro, da Secretaria que veio conosco para conversar e fazer uma parte mais técnica do processo, tirar algumas dúvidas, ainda mais em um sábado à tarde. Fernanda do CEU, que sempre nos auxilia disponibilizando a área para atender a comunidade, conversar com vocês, de uma forma mais próxima. Quero dizer que é um tema de suma importância, é algo que desde que assumi a Prefeitura Regional nos vimos discutindo, não só com a comunidade, mas com a Secretaria do Verde, e com a Secretaria de Obras. porque fazemos hoje um trabalho de zeladoria com a parte de limpeza manual de córregos, com a parte de desassoreamento mecanizado. Sabemos que minimiza. Estamos aí há quinze meses sem nenhum tipo de alagamento, tivemos alguma coisa pontual que atingiu somente o meio fio. É um trabalho constante, é um trabalho diário, é um trabalho árduo, mas não é um trabalho que resolve, não é algo definitivo. Então o projeto vem agregar, sanar um pedido de mais de trinta anos da comunidade. Reforço meu agradecimento, para debater esse tema tão importante com vocês hoje. Obrigada!

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradecer a nossa Prefeita Regional, passar, palavra ao nobre Vereador Fabio Riva, para saudações iniciais. Depois vamos sair daqui, sentar com vocês, o Pedro vai usar aquele microfone, porque vai usar recursos de audiovisual para fazer apresentação.

O SR. FABIO RIVA – Boa tarde a todos. Parabéns, somos companheiros da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, cada uma pensando sempre no melhor para o bairro. A boa política é quando se unem forças para melhorar a qualidade de vida das pessoas. A Luciana, Prefeita aqui de Perus, temos acompanhado seu trabalho, creio que a comunidade tem visto seu esforço, sabemos da dificuldade que é administrar uma Prefeitura Regional com a escarces de recursos,. mas tenho certeza que empenho, trabalho, seu, da sua equipe, não falta. O Pedro representando a Secretaria de Infraestrutura, já leva meu abraço ao Vitorali, nosso Secretário, e principalmente a comunidade aí sempre interessada nos assuntos relativos aqui a essa obra tão importante e uma luta de muitos anos, com certeza, com a força política que hoje Perus têm, independente das questões partidárias, a luta é da comunidade. Todos têm que de se empenhar, participar, dar suas sugestões, política boa se faz com a participação popular, e tenho certeza, tanto eu como, Police, somos bons ouvintes. Esse é um papel importante, principalmente, de saber, vindo num sábado a tarde, cheio de festas aí...Hoje aqui é o exemplo, mas estamos aqui preocupados com o bairro e principalmente, com cada um dos senhores.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradecer as palavras do nobre Vereador Fabio Rivas. Agradecer as palavras da Luciana. Acho que o importante é isso. Hoje é uma experiência diferente. Não tínhamos tido, até então, a oportunidade de receber a Secretaria Municipal de Infraestrutura e de Obras para apresentar o que foi elaborado nesse período desde o início do debate do Parque Linear, vamos lembrar que o parque linear aparece pela primeira vez, enquanto uma alternativa de desenvolvimento para a região entre

2002, 2004, no debate do Plano Diretor ainda no período da Prefeita Marta. Se consolida com uma formula nos períodos de 2005, 2006, no começo da gestão do Prefeito Serra. Essa foi uma das alternativas para enfrentamento de cheias, portanto abandonando o modelo antigo que era dos pisciões. Porque se revelavam, em algumas regiões muito caro, o processo de desapropriação era muito caro, mais do que isso também, um processo bastante complexo de manutenção e limpeza. A tese trazida para esse território foi uma tese, não podemos dizer que é moderna, porque ela é mais antiga do que o pisciões, é você estabelecer uma formula de lago, você remontar os modelos de lagos.

Então para que o Pedro possa nos mostrar o que está desenhado para o bairro, e faz a gente está em processo licitatório de licenciamento, vou pedir licença aos meus colegas de mesa vamos mudar de lugar, vamos acompanhar a apresentação do Pedro, depois voltamos para cá, aí sim, com um debate franco entre as autoridades publica e a sociedade que está.

Tem a palavra o Sr. Pedro.

O SR. PEDRO – Boa tarde a todos, meu nome Pedro, sou funcionário da Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras, desde 83. Sou funcionário de carreira e acompanho esse drama das enchentes desde sempre. Sabemos que o caso de Perus é um caso bastante emblemático, crônico, das enchentes. Buscamos essa solução há bastante tempo, e esse solução foi encontrada com um projeto, que na verdade, não nasceu, ao contrário da maioria dos projetos nascem na nossa Secretaria, esse projeto nasceu de uma iniciativa da Secretaria do Verde, desta Prefeitura Regional, com financiamento da Funbac, gerou esse projeto que pe muito interessante que a nossa Secretaria adotou. A nossa Secretaria adotou esse projeto, que inicialmente ia ser tocado pelo Governo do Estado, mas examinamos é um projeto bastante interessante, porque ele faz exatamente o que a drenagem hoje procura, segurar a aguas nas cabeceiras e evitar um grande numero de desapropriações e de obras hidráulicas pesadas e aqui, como até foi falado aqui, foi possível viabilizar uma solução mais natural, mais do rio

como ele funciona na natureza, com áreas de retenção, que são as várzeas. Então existem estruturas hidráulicas que procuram fazer com que o rio volte a funcionar inundando áreas que podem ser inundadas e não as casas das pessoas e assim é que foi a concepção do projeto. A gente está na batalha para viabilizar essa obra. Você sabe melhor do que ninguém o drama das inundações que atingiram o córrego Perus.

Aqui é uma localização da intervenção, uma caracterização. Aqui é um desenho da localização numa geral do projeto. A gente tem... aqui é o Centro de Perus, nós estamos aqui, esse trecho do rio está bastante confinado, alguns trechos com paredes definidas, construções muito próximas do rio. A grande vantagem desse projeto é explorar uma grande área verde que a gente chama de núcleo reserva, onde a Secretaria do Verde tem planos de implantar um parque, e a nossa atuação seria implantação de estruturas de retenção nesse local, fazendo com que o córrego... a onda de cheia fique retida nessa área. São dois córregos. Tem o córrego principal aqui, mas a maior parte vem com esse que se chama Rio do Fogo e outro é o Córrego Areião, que vem por aqui. Também tem uma retenção importante aqui e toda essa área foi prevista num projeto de paisagismo associado às obras hidráulicas.

Aqui um detalhe maior. Eu faço uma ressalva que esse projeto foi concebido com uma parte de drenagem e uma parte de paisagismo. Essa parte de paisagismo foi bem desenvolvida para tempos grandiosos, digamos assim. Você vê, por exemplo, aqui seriam construídos nesse núcleo reserva um conjunto de lagos, passarelas suspensas, uma grande intervenção na área verde, que hoje tem uma mata, mas seria mudada em uma concepção de uma remoção de todos os imóveis que estão próximos da margem bastante ampla.

Deixa eu explicar um pouco melhor. Esse slide é bom para mostrar trechos. A gente tem esse núcleo reserva, aqui é a Rodoanel, aqui é a estrada de ferro, aqui é o centro e a gente está aqui. Então tem o núcleo Areião onde também é feita a retenção, o núcleo junção, o núcleo de girassóis e o núcleo centro, as obras hidráulicas são de canalização do córrego. Seria uma ampliação do canal e regularização dele, mais para dar uma continuidade porque

hoje o canal não tem essa continuidade então há pontos onde estrangula, há uma sessão onde a água não passa direito, então você teria uma continuidade aqui. E a onda de cheia ficaria retida, tanto no núcleo Areião, quanto nesse núcleo reserva principalmente. Aqui são social desenhos do projeto de engenharia.

Como é feita essa reserva? Essas estruturas são os barramentos. Então como funciona: você faz uma barragem – o córrego, hoje, passa no meio da área verde –, e, embaixo da barragem, você põe um orifício, uma tubulação pequena, e, num tempo de seca, o córrego passa por baixo da barragem. Quando vem a onda de cheia, o que acontece? Esse tubo pequeno não comporta a vazão da cheia, então a cheia é armazenada até o limite desse perímetro. E quando chega a esse limite, verte por cima da barragem, já que a barragem tem essa passagem por cima prevista no projeto. Então ela passa por cima e vai atingir essa outra porção do projeto. Essa outra porção tem a mesma estrutura: tem outra barragem com um tubo pequeno, uma canalização pequena, pela qual passa a vazão de período de estiagem. Quando vem essa outra onda de cheia, que a água verteu desse reservatório para esse, o tubo é pequeno, não vai passar essa onda de cheia, então vai segurar e vai inundar esse outro trecho. Esse “aqui” já está inundado. Então eu estou descrevendo como vai acontecer com a cheia. Então vai encher esse primeiro; depois, enche esse. Depois, vai verter par esse outro. Esses dois trabalham juntos. Aqui chega o outro córrego, do Rio do Fogo, e esse daqui, as duas vazões, vão atingir, porque vai ter, sob a ferrovia, um túnel, que equilibra as vazões desses dois compartimentos. E vai ter também uma estrutura de “vertimento”, com um tubo pequeno no fundo e um extravasor por cima. Então vai encher, primeiro, esse, depois esse, depois esses dois. Quando esses dois estiverem quando enchendo, e aqui considerando uma vazão de cheia, uma vazão de 100 anos. Quando acontecer essa vazão de 100 anos, a vazão que, estaticamente, se repete só uma vez a cada 100 anos, quando ele chegar a esse limite, a chuva já vai estar passando. Então ele foi dimensionado para isso. Se vier a chuva de 200 anos, daí ainda vai extravasar um pouco, vai ter ainda alguma enchente residual, que vai

passar para a frente; mas, até a chuva de 100 anos, vai ficar tudo retido aqui. O que vai passar vai ser essa vazão que passa pela tubulação, embaixo.

Eu espero estar explicando direito, porque eu estou explicando o funcionamento hidráulico disso daqui. E, se depois vocês não entenderem, eu explico e novo, depois, quando vocês quiserem fazer as perguntas.

Bom, estamos nesse núcleo reserva. A mesma coisa vai acontecer o córrego Areião.

O Areião tem duas barragens também. Vai encher, primeiro, a porção de cima; depois, a porção intermediária; e, por último, a porção de baixo. Tudo isso para quê? Para proteger o curso principal do Ribeirão Perus.

Se você tivesse que fazer uma canalização convencional, um grande canal aqui, haveria uma grande remoção de famílias, de desapropriação. Iria ficar um canal absurdo para você usar para uma vazão de uma vez a cada 100 anos. Não é razoável se fazer isso; fazer, como vemos em filmes americanos, um canal seco, daqueles sobre o qual as pessoas ficam andando. Iria ficar um canal enorme para uma lâmina d'água de 10cm, 15cm no fundo. Então, hoje em dia, a gente tem lançado mão de soluções como essa, que é muito melhor, ou, quando é uma área mais densa, piscinões. Mas isso reproduz algo muito mais parecido com a natureza mesmo, porque o córrego tem o leito onde escoam as águas – como haverá aqui – e tem as áreas de várzea, que, com essa estrutura que eu expliquei aqui, que são esses barramentos, a gente reproduz as áreas inundáveis.

Aqui estão todos os trechos da obra. No Núcleo Areião, a gente tem um volume que pode ser armazenado de água, e o máximo seriam 50 mil metros cúbicos. Para vocês terem ideia do que é esse volume, o piscinão do Pacaembu tem 75 mil metros cúbicos. É como se fosse um piscinão, só que feito de uma maneira natural, com menos intervenção, menos concreto, mais fácil de limpar. Esses reservatórios têm uma estrutura de entrada onde serão retidos lixo e sedimento. Nos dois casos, tanto no Areião como no Perus, nós temos áreas

urbanas a montante. Então, sim, há possibilidade de chegar lixo, mas ele será retido nessas estruturas de retenção desses sedimentos. A gente evita que entre pneu ou sofá nessas áreas, principalmente nesse núcleo reserva, que é uma área de parque e se pretende deixar isso o mais limpo possível, realmente com uma característica de parque.

O núcleo de reservação tem 550 mil metros cúbicos. Esse volume é equivalente a um reservatório enorme que foi construído agora no Tamanduateí, chamado Guamiranga, a um custo altíssimo, e esse reservatório aqui realmente dá uma condição de segurança muito boa para o centro de Perus. É um volume bastante grande. Eu falei em 75 mil no Pacaembu, mas este é algumas vezes maior, cerca de 8 vezes maior do que o do Pacaembu. E vocês sabem que a Avenida Pacaembu sofria com as inundações severas, e depois da construção do reservatório não há mais registro daquele tipo de ocorrência.

Essa retenção na área do Núcleo Reserva tem o potencial de dar uma segurança muito boa para o centro de Perus. Essas áreas de reservação são complementadas com os trechos de canalização. Há o trecho Nucleo Junção, o Núcleo Girassóis e o Núcleo Centro. Aqui há as áreas, e aqui, o total da reservação.

Aqui, uma visão geral de cada um dos Núcleos. Aqui, o Areião, com as barragens de que falei. Quando vem a onda de cheia, você vai ter uma área de retenção de água nesse trecho, que, depois, extravasa e atinge essa outra área, onde também extravasa atingindo essa terceira área.

Aqui, um detalhe das barragens. Você vê que há uma escadaria, por onde vertem superficialmente as águas. A gente espera que verta. É uma ocorrência mais rara, mas, normalmente, só vai subir um pouco no nível e descer. Uma chuva excepcional vai chegar a verter na primeira barragem; numa mais excepcional, verte na segunda também.

Esse Núcleo Junção tem uma previsão de só fazer o canal mesmo. Aqui, um desenho do paisagismo que se pretendia. Quero fazer uma ressalva. A nossa Secretaria fez um pedido de financiamento para o PAC, pois ele inclui apenas as obras hidráulicas, não as

obras de paisagismo que estão previstas aqui. Então, no Núcleo Junção, que pega só a parte de canal, seria feito, nessa etapa, só o canal, não toda essa área, que hoje inclusive é ocupada, seria objeto de uma desapropriação grande que não será feita nessa etapa.

Aqui, o Núcleo Reserva. Essa ilustração mostra como ficariam os lagos cheios, na cheia máxima. Ficaria uma área bem extensa inundada, mas só no pico da cheia; depois isso vai sendo esgotado por gravidade. Esse sistema todo é feito sem bombas. Vocês veem aqui o área, como está hoje. Infelizmente, há uma invasão aqui, algo que nos preocupa inclusive. O córrego fica nessa área central, e essa área ficaria inundada só na cheia. Isso é compatível, inclusive, com a vegetação que hoje há lá.

Aqui, mais um detalhe do Núcleo Reserva com as barragens. Chamamos de Reservatórios 1, 2 e 3. O 1 é este aqui. O 3 é o primeiro a encher. Aqui vemos os detalhes. Aqui há a barragem. Esse compartimento tem duas interligações: uma aqui e outra aqui. Aqui, a barragem final. Aqui chega o Rio do Fogo, e aqui chega o Ribeirão Perus, do Núcleo Reserva.

Aqui, a Linha da CPTM. Então, vai ter um túnel aqui e outro ali. Aqui, um detalhe. Vocês veem que aquele tubo de que falei, a tubulação passa por baixo da barragem. Aqui é uma representação em corte, chamada de perfil, uma seção típica, como se cortasse a barragem e visse como ela funciona. Então, a água passa aqui por baixo e depois, quando subir o nível desse reservatório, vai transbordar por cima e passar por essa escadaria que tem, que vai dissipar a energia.

Aqui dá para ver a interligação entre os dois reservatórios. O reservatório 1 pega o lado do Rio do Fogo e o lado do Perus, ele faz a junção e eles trabalham, como chamamos, de vasos comunicantes: são dois compartimentos do mesmo reservatório. E tem essa ligação em túnel sob a ferrovia, que vai ser feito. Hoje já existe uma transposição, mas é pequena. Faremos uma transposição grande para fazer o equilíbrio entre esses dois compartimentos do reservatório.

Aqui é a estrada de ferro e aqui o túnel que vai ser feito entre os dois reservatórios.

Aqui é um detalhe dessa interligação. Aqui há um túnel e aqui uma saída, que abrimos para dar uma perda de carga, diluir a energia, a velocidade das águas.

Este daqui é o reservatório intermediário. Aqui é o 1, que, como eu estava explicando, tem dois compartimentos. Aqui é o intermediário, que recebe as águas do reservatório 3, do de cima, pega o transbordamento e faz uma retenção aqui.

Vocês podem observar que, no projeto original, íamos fazer um lago permanente, seria um volume morto do reservatório. Mas essa construção do lago depende de um plano de saneamento da Sabesp que ainda está um pouco atrasado. Então, neste momento, não faríamos esse lago permanente; ficaria o córrego mesmo passando por baixo, pois, se houver um lago permanente com água contaminada, teríamos problemas sanitários. Por isso, vai ser feito o córrego mesmo e um dia, se realmente houver essa despoluição, aí será possível retomar essa ideia.

Existe também um problema, pois há uma área de mata nesta porção aqui que se pretende preservar, e que aqui, neste projeto paisagístico, seria substituído. Então, toda essa parte de paisagismo provavelmente vai ser revista.

Aqui é mais um desenho dessas estruturas desses diques, desses barramentos, mas é um pouco parecido com o outro.

Este daqui é o primeiro, o reservatório 3. Aqui vai ter uma retenção de sedimentos, porque aqui é a área de um bairro de onde vem o córrego e a possibilidade de vir lixo e sedimentos é muito grande. Aqui, neste início, se faz um encaixe para retenção com possibilidade de acesso para a Prefeitura poder remover esses dejetos e manter essa área preservada. Este azul claro é quando ele estiver totalmente cheio. Normalmente ele não vai estar cheio, vai estar só um canalzinho no fundo. Essa área cheia vai ser, no máximo, no pico da cheia.

Aqui é um detalhe das estruturas dos barramentos, mas é parecido com o outro.

Aqui tem aquele tubo que passa a vazão de estiagem e aqui é a escadaria que passa a vazão de cheia. A mesma coisa aqui em corte.

Este Núcleo Girassóis também é um trecho que, para a drenagem, vai ser a execução do canal de uma forma mais regular do que ele vinha sendo feito. Esse paisagismo realmente não está previsto na obra que a Siurb pretende fazer.

Aqui é o trecho centro, que contorna o CEU e estação da CPTM. Também é um tratamento das margens; as paredes do canal e o fundo seriam construídos de uma forma mais uniforme e segura.

Aqui é uma ilustração do projeto de arquitetura que foi feito, para se ter uma ideia de como seria. Mas, na verdade, nessa fase, como eu falei, não há escopo e a Secretaria não obteve recursos para fazer todo esse conjunto arquitetônico paisagístico, só a obra hidráulica, que seriam os barramentos e a canalização basicamente, os túneis e tudo.

Era isso que eu tinha a apresentar e espero ter sido claro e espero que também vejamos essa execução, em breve, começando.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço ao Pedro e reafirmo as inscrições, que continuam abertas e vão ficar abertas até o encerramento da primeira fala.

A ideia, agora, é que tenhamos uma oportunidade de escutar os questionamentos da comunidade. Acho que é importante aproveitarmos a presença do Pedro para tirarmos algumas dúvidas. A primeira delas, que acho que fica na cabeça de todo mundo é: se há o financiamento e se há o projeto, quando começa e quando termina a obra? Acho que é fundamental termos essa escala do tempo. Também bastante importante – que não tem no projeto, e isso é bom, porque vai ser um dos grandes debates que realizávamos aqui – é que não há nenhuma nova desapropriação a ser realizada no perímetro já habitado. Se for necessária a desapropriação, ela está intimamente ligada às áreas da reservação, e também sabemos que um volume razoável de desapropriações já foi realizado. Pode ser que não

tenhamos nenhuma necessidade de desapropriação e, portanto, teríamos só a obra.

Enquanto a lista de inscritos não chega para a gente, eu vou pedir para o Pedro nos explicar um pouquinho o financiamento, custos de obra, que ele pode ter para nos falar, tempo de início das obras e se, de fato, temos a garantia de que o núcleo das indústrias está preservado no projeto – eu vejo aqui que temos muita representação do núcleo das indústrias, que conseguiu um avanço significativo, que foi atualizar o nosso Plano Diretor e a Lei de Parcelamento e Uso para essa finalidade.

Temos também um conjunto de moradores do Girassol, também preocupados com a manutenção das famílias ali e essa é uma discussão que nos acompanha nos últimos cinco, seis anos. Então, acho que têm duas porções importantes: uma decisão já tomada, que iremos atuar exclusivamente com o controle de cheias, portanto, não temos nenhuma outra desapropriação sendo articulada nesse momento.

A outra é qual o volume de recurso que a Prefeitura conseguiu de aporte do Governo Federal para essa intervenção, em que fase está isso. E como sabemos, aprovamos na Câmara, no segundo semestre do ano passado, autorização para a contratação desses financiamentos, em que fase está isso e quando podemos comemorar o início de obras e ter no curso da história o encerramento das enchentes na região central.

Já peço também a lista dos inscritos para eu chamar as pessoas.

Tem a palavra o Sr. Pedro.

O SR. PEDRO ALGODOAL – Bom, eu não sou a pessoa que trata desse financiamento, nas antes de vir aqui para a audiência, eu procurei saber e me informar como anda essa liberação dos recursos.

Então, o que acontece? Os recursos ainda não foram disponibilizados pelo Governo Federal, mas estão na sequência para sair. Houve um certo corte de recursos e o que a Secretaria fez foi priorizar algumas obras e a prioridade foi dada para o Núcleo Reserva e para o Núcleo Areião. No trecho do Centro ficou o loteamento de duas pontes, que representam

obstáculo para o escoamento, então, vai ser feito o loteamento dessas duas pontes.

Agora, a intenção da Secretaria é fazer todas essas obras de retenção, inclusive aquele túnel sobre a CPTM, o conjunto completo do reservatório do Núcleo Reserva e o conjunto completo do Núcleo Areião.

Essa estratégia tem dois aspectos. O primeiro é o aspecto hidráulico, que realmente vai trazer um benefício muito grande para a região de Perus. O segundo é o aspecto da desapropriação. Como ele falou, a gente, nessa primeira fase, não vai ter desapropriação nenhuma. Então, você mantém o canal do jeito que ele está, só que a onda de cheia não vai chegar no canal. Então, a gente não vai ter as inundações que têm agora.

Os outros núcleos são importantes também, mas eles são refinamentos da obra. O fundamental dessa obra é fazer os reservatórios.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PEDRO ALGODOAL – Então, eu não sei, eu não tenho aqui. Você me desculpe, a obra - até a gente pode passar depois essa informação -, eu não tenho esses valores aqui. Eu não gostaria de dar um valor de que não tenho certeza.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Então, está bem. Vamos chamar os inscritos. O Pedro fica com a responsabilidade de nos passar o valor da obra, o valor do financiamento, se é o valor completo do financiamento e também a expectativa de início de obras, que eu acho que são as questões que mais nos chamam a atenção.

Como estamos iniciando um debate na Câmara para a votação da LDO, eu já me antecipei, já ofereci ao Relator, Vereador Atilio Francisco, o dispositivo para a Lei de Diretrizes Orçamentárias para garantir que no Orçamento do ano que vem tenhamos, tanto dispositivos para recepção de recursos da União, quanto para termos a contrapartida de recursos do Município. Portanto, é fundamental que tenhamos, durante esse debate, essa previsão.

Vou chamar o primeiro inscrito, Mario Bortoto, representante do Vereador Toninho Vespoli, do PSOL. Nós temos mais dois inscritos e na fala do Sr. Mário Bortoto encerramos as

inscrições. Só para já anunciar, pedindo licença ao Mário, temos inscritos, também, o Sr. Paulinho Rodrigues, do *Jornal Cultural*, e o Sr. Euler, nosso professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Muito obrigado, Professor, pela presença.

O SR. MÁRIO BORTOTO – Boa tarde a todas e a todos. Sou o Mário. Sou nascido, aqui, em Perus. Vivo aqui há quase 60 anos e acompanhei quando foi apresentado para nós, da comunidade, o primeiro projeto. Eu me lembro de que nós estivemos juntos, com o Prof. Euler, o pessoal da Quilombaque, o pessoal das indústrias, lá em cima, do Girassol, e a grande preocupação eram as desapropriações. Nós não éramos contra o projeto, mas iriam acontecer muitas desapropriações.

Então, a pergunta, hoje, é: aquelas empresas e chácaras que estão lá, onde não vai ser feito hoje o paisagismo, não vão ser desapropriadas neste momento, ou elas não vão ser desapropriadas em nenhum momento? A mesma situação se dá para o Girassol: 51 famílias que, na época, iriam sair. A mesma situação se dá, passando a pontinha da praça. A Comunidade Cultural Quilombaque, o cartório, a faculdade, tudo, ali, eles falavam que sairia. Seria tudo desapropriado.

Então, essa é a grande preocupação. Nós queremos esse projeto. Aliás, está superatrasado, mas a preocupação era social: muita gente desapropriada. Aliás, é isso o que acontece nos grandes projetos, na cidade. Melhora-se o local e a primeira coisa que se faz é o quê? Tirar as pessoas que mais necessitam desse local, de lazer, de cultura e de serviços. Então, a questão da desapropriação ainda nos deixa muito preocupados.

Também lembramos que conseguimos a colocação no Plano Diretor, em 2014, do parque “A Luta dos Queixadas”, que fica logo depois do túnel da CPTM, entrando no terreno da fábrica de cimento. Então, ali está previsto um parque: “A Luta dos Queixadas”. É uma região que não teria nenhuma desapropriação de casa. Não tem moradores. Então, pedíamos para diminuir onde haveria desapropriações, fechando mais o projeto e aumentando o projeto do parque na região da fábrica de cimento. Essa era outra questão.

A questão do saneamento também era um problema, pois se falava: “Como é que vão fazer um parque à beira de um córrego que é um esgoto?” Naquela época, a Prefeitura dizia que ia fazer uma parceria com a Sabesp. Isso nunca aconteceu, mas, recentemente, uns dois meses atrás, houve uma audiência pública da Sabesp na Anhanguera. Eles vão fazer um empréstimo do BID para fazer o saneamento básico de Perus e Anhanguera. Então, eu não sei se a Prefeitura está conversando com a Sabesp, mas, se sair esse saneamento básico, aí, sim, nós vamos ter as lagoas lá, na reservação.

Por último, como esse projeto, agora, se relaciona ou conversa com a obra nova que apareceu para nós, que é o ferroanel? O ferroanel começa exatamente ali, próximo do Campo dos Paradões. Como é que vai se dar? Agora são duas obras.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Vamos chamar os 5 primeiros. Se não tivermos inscrições, concluiremos voltando para a Mesa.

Paulinho Rodrigues, do Jornal Cultural.

O SR. PAULO RODRIGUES – Nós estivemos na Secretaria. Eu queria agradecer ao Vereador Fabio Riva, que esteve conosco na Secretaria do Verde e na Secretaria de Obras, nos meses de abril e maio. Lá ficamos felizes porque fomos cobrar ao Secretário do Verde que ele prestasse atenção quando o projeto voltasse à Secretaria. Aquela licitação que foi feita há alguns anos está suspensa... Não está suspensa, acabou a licitação, já foi publicada no *Diário Oficial*. Essas obras na Secretaria do Verde já eram para ter começado. Havia dinheiro para isso, o dinheiro era do Governo Federal, só que a Secretaria do Verde fez tantas exigências que o Governo Federal mandou suspender, e o dinheiro sumiu. Aquele primeiro dinheiro já foi para outras obras. Então, fomos à Secretaria do Verde para garantir, para pedir ao Secretário que quando isso chegar lá novamente para ter a assinatura da LAI, que ele o faça o mais rápido possível, sem muita interferência dos técnicos.

Tivemos esse compromisso; na sequencia, fomos à Secretaria de Obras. Lá, foi

falado ao Secretário de Obras todas essas coisas, e no mesmo dia uma técnica daquela pasta foi à Secretaria do Verde para dizer o que a gente havia combinado. Na Secretaria de Obras também, ficamos sabendo que esse projeto está agora para sair junto com a Mooca. Ganhou até o apelido de “Peiroca”, de Perus e Mooca. Parece que agora estamos junto com a Mooca. Fiquei feliz por isso, pois parece que a Mooca também tem bastante poder, bastante gente. Então, vai ter que sair os dois juntos: Perus e Mooca.

Aí, 15 dias depois, a Secretaria do Verde fez as exigências que tinham de fazer. Então, estão na mão da Secretaria 41 exigências, 41 tópicos sobre essas obras. Em cima disso, a Secretaria de Infraestrutura e Obras deve publicar, nos próximos dias, a licitação para o projeto, levando em consideração esses 41 tópicos da Secretaria do Verde para que não ocorra mais o problema de a Secretaria do Verde dizer que não participou e barrou.

Nós sofremos, nesse processo, uma molecagem de alguns técnicos da Secretaria do Verde. Pode-se chamar assim: molecagem de alguns técnicos da Secretaria do Verde. E a Secretaria do Verde, que, por sua vez, passou por uma troca de Secretários – ela teve 6 ou 7 Secretários nos últimos 5 anos -, era uma Secretaria que estava um pouco acéfala, com os técnicos mandando. Então, a gente ainda não teve essa obra muito em função disso.

A concepção que foi colocada aqui, de reservamento, era uma concepção que estava há muito tempo esquecida no Brasil. O grande mentor dessa concepção, o pai desse tipo de concepção de obra é o engenheiro Saturnino de Brito, mais conhecido na Europa do que no Brasil, o maior engenheiro hidráulico do Brasil. Na França existe uma estátua dele. Foi o engenheiro Saturnino de Brito que trabalhou com isso; mas nas décadas de 60 e 70, os governos abandonaram esse projeto e fizeram aquelas canalizações horríveis, com aquele modelo que foi colocado aqui, que expulsa as pessoas para se fazerem obras faraônicas. O professor Saturnino de Brito poderia dar nome ao parque que irá surgir. Ele foi um grande estudioso da área. O Pedro, como engenheiro hidráulico, deve conhecer um pouco da história e sabe que o Saturnino de Brito pensou esse projeto.

Olhando o que foi colocado, o volume de água que isso vai precisar – e só se forem aquelas chuvas excepcionais, de 100 anos -, dá para se discutir muito bem a questão de não remoção de pessoas e empresas. Porque, pelo tamanho do reservatório, da quantidade de água que ele vai reservar – cerca de 8 vezes o que o piscinão do Pacaembu comporta -, logicamente dá para se ver bem que quase não se precisa do alteamento das pontes, porque vai ter só um canalzinho correndo, só o córrego natural correndo. Vocês entenderam ali o que ele falou? Reserva, põe um tubo para suportar uma vez e meia, talvez 2 vezes o volume do córrego natural, porque o córrego natural não precisa do alteamento da ponte. Então, ele colocou aqui que isso reserva, pelo menos, 8 vezes mais do que o piscinão.

Então, eu fico feliz com isso e a gente vai ter que pegar no pé da Sabesp para fazer a despoluição desse córrego.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Paulinho.

Vou chamar o Professor Euler.

O SR. EULER – Boa tarde a todos. Saudação a todos os presentes defendendo suas questões e participando da discussão da Cidade, às pessoas da Mesa, a Sra. Subprefeita, o Vereador Police com quem a gente sempre encontra em muitos debates, os demais eu não conheço, mas o Police sempre esteve presente, apesar de nem sempre concordarmos, mas sempre houve a possibilidade de fazer o debate e ouvir as necessidades das pessoas.

Particpei muito da discussão do plano desse Parque Linear e no seu momento inicial fizemos um estudo no contato com a comunidade. Fizemos um estudo de paisagem para verificar o acerto ou não do parque e concluímos que o parque poderia ser diferente em coisas muito importantes e, sobretudo, na questão das remoções. Elas eram desnecessárias para fazer o parque.

Nunca tínhamos tido acesso e nem qualquer apresentação da parte hidrológica.

Pedimos várias vezes, mas nunca tivemos, mas pelo que nos era oferecido era totalmente desnecessário fazer as desapropriações e, não só isso, havia soluções mais econômicas e melhores para a questão.

Nesse sentido fico contente em ver que agora se retoma pelo essencial que é a questão hidrológica, que se tenha ênfase na reservação que é o ponto que nunca houve discordância a não ser pelo desenho posto ali, ao paisagismo que, como foi falado, não preserva, não valoriza condicionantes ambientais importantes que agora podem ser revistas com essa retirada do projeto de paisagismo.

Eu tinha ficado preocupado e trabalhei muito com as pessoas e acredito que o que está sendo apresentado – até onde eu entendo – suprime momentaneamente os problemas de remoção, os equívocos do paisagismo, mas ainda falta um compromisso mais sólido com todos de que essas questões serão de fato revistas. Locais onde seria importante ter um parque não tem, onde é desnecessário tem, custo altíssimo de projeto – belíssimo, mas altíssimo, equivocado no seu programa, onde o Mario já falou muito bem do Parque da Luta dos Queixadas, que aliás, poderia ser o título do parque todo, ele ali é prioritário, dá para fazer um parque de baixo custo.

Ao se refazer isso, queria sugerir às Secretarias e ao Police que se considerasse um paisagismo de baixo custo. Não estamos com dinheiro, ninguém está com dinheiro e as situações são complicadas. É possível fazer paisagismo de baixo custo valorizando a questão ambiental, a questão ecológica. A dinâmica ecológica não pode ser recomposta em todo o trecho do rio, mas pode ser recomposta em vários trechos com grande ganho e ainda incorporar áreas de lazer de baixo custo para a população.

Essas são as considerações que queria fazer, mas queria pedir a você que esclarecesse como foi feita a modelagem da bacia como um todo, inclusive fora da área do parque, no sentido da ocupação atual. E se é previsto um provável adensamento do solo nessas regiões. Esclarecer isso.

A outra coisa: eu queria sugerir, também a vocês, que considerassem, dentro dessa ideia de um paisagismo de baixo custo e ecológico, a conexão, que ainda dá para se ter, lá com Pinheirinho D'Água, com o Parque do Fogo. Enfim, dá para se fazer isso até o Parque A Luta dos Queixadas. Seria um grande projeto. A população está em condições de participar dessa discussão, pelo menos já participou ativamente. Enfim, é possível fazer algo de baixo custo.

Eu convidaria, pediria que vocês dialogassem com a Secretaria de Meio Ambiente, retirando o projeto como ele se encontra e procurando uma coisa mais adequada à dinâmica social e ecológica da região.

Obrigado pela oportunidade. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Antes de passar a palavra ao Sr. Clayton, só para deixar algo que é importante acerca dos compromissos que vão sendo firmados. Conversava com o nobre Vereador Fabio Riva, acho que, pelo menos de minha parte e me parece da parte do nobre Vereador Fabio também não há nenhum conflito quanto a isso... No esforço de realizar exclusivamente a obra de drenagem. Portanto, estamos aqui falando que há um esforço inicial e, aí, é para que a obra comece no menor espaço de tempo. Em especial, porque já temos desapropriado, ainda na época do Secretário Eduardo Jorge, a área da reserva. Então, portanto, já temos a área desapropriada e já temos a assinatura com o Governo Federal e a autorização municipal para a contratação desse financiamento para essa obra. Então, uma primeira fase.

E, aí, tem uma outra luta que é para você garantir zero de remoção, e aí é porque o Plano Diretor e Lei de Parcelamento mudaram o desenho. Nós temos, inclusive, de devolver para a Prefeitura um projeto de mudança viária que muda parte do desenho da área industrial. Então, temos de devolver para ao Executivo ao menos a área que importa para Perus. Chegou um projeto, ainda do período do Prefeito Haddad, com 4 ou 5 mudanças na Cidade e uma das mudanças é aqui, e acho que temos que ou retirar essa parte do projeto ou rejeitar o projeto garantindo duas coisas. Primeira, que o Plano Diretor e a Lei de Parcelamento sejam respeitados. Portanto, temos núcleos habitacionais absolutamente mantidos e o núcleo das indústrias, dos galpões, também absolutamente mantido, como aqui a região Central, que tem uma importância não só histórica, mas de serviço para toda a Cidade e região. Então, toda Perus e região.

Então, acho que esses são os compromissos que já podem ser, aqui, anunciados.

Tem um outro de debate e, aí, acho que vale essa boa convocação do Professor Euler, que é qual o parque será possível na área que continuará pública. Se não faremos nenhuma desapropriação, já temos uma área pública. E nessa área pública que já temos, qual o parque que implantaremos.

Acho que, talvez, esse seja um compromisso que conseguiremos tirar da Comissão de Política Urbana desta audiência pública. Sempre lembrando a todos que o nosso foco, neste momento, é o início imediato das obras na área que já está desapropriada com os recursos que, se não estão já disponibilizados, já estão contratados com o Governo Federal e a contrapartida - que, em tese, seriam as desapropriações -, já está realizada. Então, é acelerar ao máximo esse processo de início de obras.

Tem a palavra o Sr. Clayton do Quilombaque.

O SR. CLAYTON – Boa tarde a todos.

Mais uma vez, aqui, discutindo o parque linear. Acho que virou uma novela para nós, né. Tem o dinheiro. Não tem o dinheiro. Tem um projeto. Muda o projeto e não apresenta para a comunidade. Depois tem outra reestruturação. Aí, quando você vai ver é o mesmo projeto, não sabemos, ficamos meio vendidos na história do parque linear. Queria colocar que não somos contra o parque linear, mas somos contra as remoções e queremos estar incluídos nesse projeto com uma escola ambiental. A comunidade Quilombola já faz esse trabalho, mas ia ser varrido do projeto. A gente ficaria de fora do projeto, sabendo que é uma das principais instituições que trabalha com meio ambiente na região. Porém, não sei qual diálogo foi feito. Nós até queríamos o projeto no início, mas foi negado. Apresentou aqui, viu aqui e já era, não dá para pegar e estudar o projeto. Teve uma conversa com os moradores e apresentamos a contra proposta. Dessa novela toda vem os remendos, acho que gastaram muito dinheiro para fazer o projeto do parque linear para juntar e não sei em que pé está. Mas é dinheiro público investido para construção do projeto.

Quero saber da garantia daqui a alguns anos que volte o projeto com outra apresentação, como está sendo feito ultimamente. Fica no vai fazer ou não, vai tirar ou não. Acho que deveriam dialogar mais com a comunidade. Fazer uma audiência pública sem avisar a comunidade é difícil, porque tem de acompanhar o diário oficial e isso os moradores não fazem. Se não ficarmos lendo o diário oficial, ninguém sabe o que está acontecendo e cai um projeto sem comunicação com a comunidade. Isso é muito ruim para nós, munícipes, e para os

gestores. O diálogo tem de ser franco e direto, porque o pessoal do Recanto não está sabendo do parque linear, da parte que vai sair.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Eu só não entendi que parque vai sair, porque na apresentação não tem nenhum parque que vai sair.

O SR. CLEITON - Eu estou falando do principal. Quando vamos lá, não mudou nada, o projeto principal está lá ainda, falaram que mudou e vamos ver, mas é o mesmo projeto. Não mudou.

Qual é a garantia que temos quando falam que não vão fazer, se o projeto ainda está lá. Não mudou nada, é o mesmo projeto que foi negado para mostrar para a comunidade. Se for pegar a planta é o mesmo projeto apresentado há não sei quantos anos. Qual é a garantia? Muda a gestão, vem um papo, muda a gestão é outra conversa, agora não tem dinheiro, o dinheiro não pode mexer. Fica difícil para nós.

Queria que se pensasse melhor numa escola ambiental já que estamos falando de um parque linear. Como a comunidade pode colaborar, porque podemos contribuir nos mutirões, no paisagismo, porque trabalhamos nessa questão. Podemos colaborar, mas não vir um projeto de cima para baixo, porque não tem jeito, a comunidade não vai aceitar.

Queria saber qual é a garantia que daqui a algum tempo vão mudar o projeto, ou quando chegar a eleição, vão fazer a parte da praça Inácia Dias ou o Fundão. Estamos para colaborar, mas é preciso dialogar, porque é para nós, moradores. Os gestores vão embora e a comunidade fica. É muito importante sabermos se é real o que vai acontecer ou não. Ou se daqui a um tempo vai mudar porque é dinheiro jogado fora. Só para a construção do projeto é muito dinheiro e já dava para fazer alguma coisa. Não adianta querer cortar mato na beira do rio que não vai resolver o problema. Obrigado. (Palmas)

O SR. JOSÉ POLICE NETO – Agradeço ao Cleiton. Chamo o Jonas, morador da região, que também é um ativista pela solução dos alagamentos do ribeirão.

O SR. JONAS - Boa tarde a todos. Há 20 anos ou um pouco mais, eu falava que no

nosso bairro onde moro ao lado do Céu, nunca iria acontecer nada. E que talvez, os meus netos poderiam ver alguma coisa. O meu neto mais velho tem dez anos e até agora não aconteceu nada.

Todos os subprefeitos que passaram ao nosso lado, nas reuniões, desculpe o termo, mas é uma verdade: vem um senta, vai embora e a gente fica. Falei para o antecessor da subprefeita se ele era um “cola bunda” na subprefeitura. Disseram: “não eu não vou ser assim, assado”. E o que aconteceu? Assou e não fizeram nada. E o que está acontecendo? Nada. O nosso rio está sujo, cheio de areia. Vem a draga, 9h, marco que horas ela chega, liga até às 11h, enche um caminhão, fica duas horas jogando água e vai embora. Vão almoçar. 1:30h voltam, enchem outro caminhão, mais duas, três horas tirando água no caminhão, vai embora. Dois caminhões por dia e vão ver a sujeira que está no rio.

E falam assim: “é não houve enchente nesse período”. Eles não estão aqui, a nossa rua encheu de água. Não veio ninguém da subprefeitura saber se estávamos precisando de algo. Ninguém, vai ver como está o rio. Subprefeita, venha ver como está o rio. O único vereador que veio ajudar foi o Neto, mais veio ajudar do lado de cá, do nosso lado infelizmente está cheio de mato. Se o pessoal correr o muro e olha dentro das nossas casas, é fácil pular o muro e ninguém faz nada.

Perguntei para um secretário da subprefeita quando eu poderia subir para conversar com ela. Ele disse quarta-feira. Quando subimos, o César esteve lá e disse: “olha, não precisa vir aqui porque a subprefeita foi numa reunião”. Quer dizer, ele nem sabe o que acontece com a subprefeita para marcar a reunião e chega na hora não tem ninguém para atender. Quer dizer, estamos ao léu, ninguém sabe o que vai acontecer.

Esse parque linear já passou da hora de acontecer, e ninguém faz nada. É projeto que é mostrado e nada acontece. Não podemos viajar no final do ano porque enche a nossa rua. Não podemos sair na rua por falta de segurança, das águas e de gente que vem abusar da nossa boa vontade e saquear as nossas casas em dia de enchente.

Quem vai fazer alguma coisa por nós? Só falam e nada! Até quando a gente vai ver isso? Até quando? Porque ninguém faz nada. Todo mundo vem para trabalhar. Na hora que é para trabalhar, não aparece ninguém. E aí? Cadê o pessoal da subprefeitura? Cadê a Defesa Civil? Cadê o pessoal que fala tanto? “Não, porque nós vamos fazer isso, porque nós vamos fazer aquilo”. Na época da Sra. Marta, nós fizemos uma reunião com ela. Falaram que tinha um engenheiro de não sei o que naval, de enchente, entendido. Mandou até uma porcaria de uma máquina dentro do rio, para jatear água. Quebrou a porcaria dentro do rio. Não entende porcaria nenhuma. Quer saber mais do que a gente, que mora aqui. Nós mandamos um projeto para a Prefeita da época, quando foi construído o CEU aqui. E o que fizeram? Engavetaram e, até hoje, ninguém fez nada. É tão fácil de se resolver o nosso problema de enchente aqui, no nosso setor, e ninguém faz nada. Só vêm falar. Na hora da eleição: “Oh, meu amigo, te dou uma camiseta, te dou uma cesta básica”. Aí depois, oh, some, ninguém chega perto de um indivíduo como esse. Por quê? Porque há um monte de mídia em cima, rodeando eles. Você não enxerga. Parece formiga num açucareiro, e ninguém faz nada. Aí só vêm com blá-blá-blá, que é isso, isso, isso, e nada. A gente está cansado de ver todo esse material de lixo que está aí, e ninguém tira. A gente não aguenta o mau cheiro de alguém lá de cima do Jaraguá, da Parada, de Pirituba, seja lá de onde for, trazendo mau cheiro medonho aí para as nossas casas, e a gente não consegue nem dormir por causa do mau cheiro, e ninguém faz nada, nem subprefeitura, nem Sabesp, seja o que for, ninguém faz nada pela gente. E, na hora que a gente precisa, vêm falar todo mansinho, mas não fazem nada, não tiram o assento da cadeira lá, para ver o nosso problema. Por quê? Porque não moram aqui, moram lá na Alphaville, moram no alto de Pirituba, onde não há enchente, e aí falam que a gente é culpado, muitas das vezes, por jogar coisa no rio, e as coisas vêm lá de cima. Por que a gente vai jogar um sofá, um botijão de gás ou um fogão aqui no nosso meio aqui, para a gente ter enchente? Por que essa ponte não é levantada? Isso é uma barreira para nós, e ninguém faz nada. Na hora de limpar, não há uma máquina que entra debaixo dessa ponte, para poder puxar areia; e é areia

que vem lá de cima, é areia natural do próprio rio; mas quem deveria fazer, quem poderia tirar é quem tem o poder na mão, e não fazem nada.

Obrigado. Não aguento mais falar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem, Jonas. Obrigado pelo desabafo de um morador que acompanha o Ribeirão, quando aqui, no CEU, era campo de bola e não o CEU.

Tem a palavra o Sr. Marcelo Gati.

O SR. MARCELO GATI – De novo, as mesmas conversas, os mesmos blá-blá-blás. A pergunta para o Sr. Pedro, da S-Urb é: “Quando é que vão sair do papel essas obras?” É só isso que a gente quer saber. O projeto é lindo, maravilhoso. Todo ano vem aqui um projeto e fica melhor. Tiram o parque linear, colocam o parque linear, porque quando se fala do projeto, se esquecem das pessoas. O que interessa aqui é a gente entender o que o Sr. Jonas estava falando. Não é que faz quinze meses que não chove. É que, na época de chuvas, eu não posso sair de casa e eu não posso planejar a minha viagem e as minhas férias. Eu não posso passar uma semana fora de casa, porque eu não sei se vai chover ou se não vai chover. Então, a questão não é: “Poh, graças a Deus, mais uma vez, foi Deus que nos ajudou nessa temporada”. Porque é sempre, no período de chuvas, que vem o problema. Nós estamos agora no inverno, entrando no inverno, saindo do inverno, e não há problema de chuvas. É o momento exato para falar dos projetos, mas, em 2016, nós fomos à S-Urb e saiu, no portal da Prefeitura, um projeto de 190 milhões, com dinheiro do PAC. O projeto foi ganho por duas construtoras. O contrato foi assinado. Teve até dispendição de valores para início das obras. Eu vi até publicação de dinheiro que foi pago para confecção das placas de início das obras para colocar aí. Se quiserem, eu mostro isso. Tenho isso. Está no portal da transparência. Cadê as obras? Depois aparece que o contrato foi suspenso por 180 dias. Essa é a última informação que há, de outubro de 2017, que o contrato foi suspenso, já se passaram esses 180 dias e não há mais nenhuma informação de como está esse contrato que foi assinado.

Não estamos falando de projeto. Estamos falando de um contrato que foi assinado e não saiu do papel. É que é a grande dúvida e a pergunta da população: “Quando vamos ter máquinas trabalhando lá na reserva, fazendo essa obra de preparar o reservatório e montar essas barragens?” A única barragem que a gente tem é a que o Sr. Jonas citou, que é essa ponte que há aqui, que liga o CEU ao principal problema das enchentes. Há a ponte da praça, que também é outro funil, é um gargalo, que segura a água. A água não vai embora, e se enche a praça. Eu só queria saber isso, que ajudassem a gente a definir um prazo, daqui a um ano, um mês ou dez anos. Os netos e bisnetos do Seu Jonas vão gerenciar isso, vão substituir a gente aqui, os netos dos senhores substituirão a Mesa, continuando com os mesmos problemas. Ajudem a gente.

Valeu. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bom, Marcelo, morador do entorno também. Obrigado pela contribuição, trazendo aí o acompanhamento que o cidadão do bairro faz com as publicações e com as informações. É verdade. Lá, em 2016, chegou a ser anunciado o início de obras, e a gente praticamente comemorou ali, num fim de gestão, que, de fato, algo começaria e infelizmente nada aconteceu.

O maior conjunto de questionamentos ou a totalidade deles foi dirigido ao Sr. Pedro. Eu tentei, no curso, trazer algumas informações. O importante o pessoal que veio aqui para fazer a cobertura cidadã, para a rádio da Educação.

Tem a palavra o Sr. Wilamis.

O SR. WILAMIS – Med é o apelido, pelo qual eu sou conhecido. Primeiro cumprimento a Mesa e a todos que vieram, pela coragem. A ACEDA é a Associação Comercial e Empresarial do Distrito Anhanguera. Por que a ACEDA está aqui? Eu sinto, eu sou cliente da ACEDA aqui no areião. Eu pego bloco aqui, e eu sei que a minha empresa vai ser prejudicada também com a saída ou a permanência de vocês aí. Isso é um fato. Se saírem, eu vou ter que comprar blocos mais longe. Se ficarem, vão me beneficiar, mas o interessante não é isso. Eu

tenho acompanhado esse trabalho desde o plano de bairro. É uma coisa interessante o que foi gasto. Eu falo isso porque o Vereador José Police Neto trabalhou muito nesse trabalho de plano de bairro, que era perfeito, e esse parque linear está lá, está contemplado, mas é impressionante como os Vereadores da Câmara Municipal, os 55 não têm um consenso de população. O Jonas falou uma coisa muito bonita agora, que é impressionante como as pessoas só olham o seu umbigo. Então, foi o Vereador José Police Neto que idealizou o projeto. Podem falar: “Então, que se dane, que se vire, e eu não vou ajudar. Se for o Vereador Fabio Riva, é a mesma coisa. Se este Vereador criar um projeto que vai beneficiar Perus, mas se for só o dono do negócio, acabou-se o projeto, não há mais projeto. S.Exa. faz, gasta o dinheiro, como o Vereador José Police Neto gasta o dinheiro, como qualquer outro gasta o dinheiro, mas não sai”. Sabem por quê? Porque esse negócio tem que ser votado. E não é a gente que vota. Quem vota são os Vereadores. E aí fica aquela mosca branca lá no papel, como o amigo aí falou. Não sai do papel porque os bonitinhos que estão lá, que não conhecem Perus... Houve audiência pública aqui em Perus, e Vereadores conhecidos, que levaram votos nossos, não sabiam chegar aqui. Estão de brincadeira. Houve Vereador que chegou aqui para falar que aqui é Cidade. A pessoa mal sabe que Perus é o último bairro da zona Noroeste da cidade de São Paulo que ele foi eleito. Espera aí, meu amigo. Se você é Vereador de uma cidade e de um bairro que hoje contempla, mais ou menos, 520 mil habitantes, como você vem aqui falar de um projeto de parque linear, se não sabe chegar ao bairro? Então, o que o Jonas falou é um fato. Então, o que a gente precisa fazer é votar consciente, é saber, de fato, quem está vindo aqui em ano eleitoral ou não e cobrar dele, fazendo que seja o nosso representante de verdade. Não basta você simplesmente votar, tem que aprender a cobrar. Um fato interessante é que o Vereador está lá. Em 2016, veio o Sr. Neto aqui e aí foi bem fase que o Sr. acabou de falar. Não conseguimos colocar máquina. Agora é uma coisa interessante. Lógico que não é uma cobrança, mas é uma forma da Prefeita também fiscalizar. Nós tiramos, em dois dias, 58 caminhões, 58 caminhões de 22 toneladas, mais ou menos, de resíduos

dentro do Ribeirão Perus aqui. Trabalhamos como jumento. Houve aqui um certo desconforto entre Vereador e Prefeitura na época. Na época, estava o Rosmaninho, meu amigo. Houve um desencontro lá, mas, em dois dias, nós tiramos... Estão gastando. Eu falo isso, porque se ele está falando que são dois, e eu não sei se são, eu não sei quanto custa, mas é grana, porque essas máquinas são caras. Há um detalhe, quando fizemos, não fizemos usando dinheiro público. Foi um coletivo aqui. A gente fez um mutirão com a população, Vereador, mais um pessoal e mais alguns empresários, para que a gente pudesse fazer esse feito, e isso deu um alívio para a gente, porque, em seguida, vieram as chuvas e não inundaram, mas isso é utópico, porque fizemos uma vez. O povo mora há 40 anos, 50 anos ou 60 anos. Então, o que a gente precisa? Precisamos que, dessa vez, o projeto saia do papel, porque nós já estamos iludidos, e isso é um fato. Foi declarado que haveria início das obras. Infelizmente 200 milhões foram para 190 milhões, que saíram no *Diário Oficial* e, mais uma vez, nós estamos aqui, olhando para mais um projeto.

E aí tivemos uma surpresa com o Pedro e, desculpa, acho que o Vereador te pegou. Quanto vai ser o gasto? Não sei.

Então, se não sei quanto vai ser o gasto, quanto eu tenho de dinheiro para isso, como vou começar essa obra?

É o que o povo de Perus precisa e falo isso porque moro do outro lado, mas sou prejudicado igualmente porque fazemos parte do mesmo bairro e as pessoas de Perus necessitam de dignidade, como as pessoas do distrito Anhanguera necessitam de agência bancária. Nós também não temos. Vocês têm quatro aqui, vocês não podem reclamar muito não. Não temos nenhuma lá e temos a mesma quantidade ou mais de pessoas.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Próximo, Marins Godói e, depois, Bárbara Rocha.

O SR. MARINS GODÓI – Boa tarde a todos. Este plenário deveria estar cheio, mas

tem uma festa junina lá fora. Perus não caberia aqui, deveria estar cheio.

A batata está assando porque subiu 150% e vai mais. A batata assa. Vocês não moram em Perus. Vocês são parlamentares, são burocratas. Nós moramos em Perus. É muito fácil falar. Estou falando em nome dos professores de Perus, sou professor aqui. Portanto, não sou um cidadão comum, sou incomum.

Em 2015, fomos a uma reunião – eu, Cleiton, Mario e Valmir Santana – na Galeria Olido e conversamos com técnicos. Tomamos chá de cadeira. Tudo que foi exposto nós já sabíamos o que estava sendo exposto aqui. Todos têm interesse aqui, inclusive vocês da Mesa. Portanto, o que se propõe realmente em um País caótico em que estamos vivendo. Eleição? É. Não tirem a gente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vamos fechar com uma aluna que vai trazer a comunicação do Cieja Perus, Bárbara Rocha. Estamos com outros alunos que compõem a empresa jovem.

A SRA. BÁRBARA ROCHA – Boa tarde a todos.

Sou Barbara e represento a imprensa mais do Cieja Perus, a escola onde era o antigo Global.

Gostaríamos de saber se essas obras estão previstas no Plano de Metas da cidade de São Paulo e gostaríamos também de saber se não tem como fazer um Portal para que esses anúncios. Não temos acesso às informações. Então, gostaríamos de saber porque não é feito um Portal que seja para o nosso benefício.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradeço muito as contribuições que vieram da comunidade. É fundamental escutar e escutar com absoluto respeito tudo o que a comunidade tem para nos falar interpretando que nós que carregamos de vocês a decepção que

nos reúne hoje porque tem uma expectativa histórica para a solução do problema. Os projetos, de fato, não foram desenvolvidos com a participação da sociedade. Isso é histórico no processo de decisão do setor público brasileiro.

Então, não é uma novidade aqui e nem em outras regiões, mas quero também contar que nos últimos 10 anos que talvez a região de Perus tenha sido aquela que por conta do ativismo dos seus moradores mais a participação dela se revelou nas decisões tanto executivas quanto legislativas. Se há ainda um déficit de participação da sociedade, de valorização dessa participação quanto ela entra na administração e muda a decisão do gestor e essa é a questão da participação, é para ela conduzir a decisão do agente, em especial, o Executivo, mas Legislativo também.

Eu posso dizer para vocês que o maior conjunto de mudanças por conta da participação da sociedade tem vindo deste território e muito é por conta da participação ativa, efetiva e qualificada que Perus tem realizado.

Então, acho que esse é um pequeno reconhecimento, mas eu queria ser absolutamente franco e honesto com vocês que muito da participação de vocês geraram as mudanças de muitos dos projetos que se desenharam para o território. Poucas Prefeituras Regionais têm dois equipamentos como o CEU. Essa é uma região que tem os dois. Então, quando a gente vai observando, poucas regiões periféricas estão conseguindo zerar a fila de CEI, para as creches, talvez a nossa seja a primeira a zerar com a entrega das duas próximas CEIs. Não é questão de uma ou de outra gestão, mas é um processo contínuo que tem sim um pouco do planejamento a partir do bairro. Então, tem 10, 12, 15 anos que a gente pode não enxergar muito dos resultados, mas eu posso dizer que no conjunto da Cidade muitas das decisões que foram tomadas pelos agentes públicos vieram de contribuições poderosas da população e assim que eu quero passar para a palavra ao Pedro para que ele também leve as contribuições ao Secretário, para os Secretários na realidade hoje o Pedro um pouco representa o Executivo na nossa reunião e, portanto, levar para a Secretaria do Verde também esse

desejo de participação ativa da comunidade no desenho de como será utilizada a área pública continua a essas importantes bacias de retenção.

Assim, eu passo ao Pedro para o Pedro trazer as respostas importantes para aquilo que a comunidade pediu.

O SR. PEDRO - Vou começar respondendo as perguntas de cada um. Primeiramente, o Mário fez considerações a respeito das desapropriações. Na exposição eu disse que nessa primeira fase não vai haver desapropriação porque será só para os núcleos Reserva e Areiã que não estão previstas nenhuma desapropriação. No caso dos outros núcleos a intervenção que está prevista pela Secretaria que foi objeto de licitação e depende de recursos não é a do Parque, é só do canal.

Então, quando você faz só o canal, você restringe a intervenção à margem do canal - são poucos metros além da margem. Então, esse estudo, como ele está para uma segunda etapa, ele não está detalhado, mas a gente pega outros casos que a gente já está detalhando - a gente está com obras no Tremembé, no Paciência - a gente procura fazer uma faixa bastante restrita mesmo só para ter a possibilidade de entrar a máquina e fazer a obra. Muitas vezes, é feita uma desapropriação parcial que quando dá para manter e não descaracterizar o imóvel, manter o imóvel, essa é a tônica da Secretaria, realmente, ter o mínimo de interferência possível porque a gente sabe que a população está morando lá e está convivendo com a cheia. Quando não vai ter mais cheia, ele vai estar fora do lugar que ele ama, que ele mora, que ele tem raízes ali, e justamente quando não tem mais o problema, ele não vai estar lá? Então a gente sabe que é importante manter as pessoas no local.

A gente tem também a preocupação com o saneamento, com as outras interferências com o ferroanel. Na questão do saneamento, eu pessoalmente participo das reuniões do Córrego Limpo e eu fiz pessoalmente uma demanda para o saneamento desse Córrego porque todos os Córregos que tem interferência com Parque e que a população de alguma forma vai ter contato com a água, vai ficar próxima da água, é prioridade nossa. Só que

as obras nesse caso estão no que chamam de Projeto Tietê 4, então, elas estão bem para frente infelizmente, mas no que depende da participação da Prefeitura a gente está empenhado em adiantar e em priorizar esse tipo de intervenção.

Esse essa questão do desse outro Parque Luta das Queixadas, eu não tenho conhecimento. Outra coisa que é bom ficar claro é que a nossa Secretaria não vai ter participação na revisão do projeto final de paisagismo que vai ser coordenada pela Secretaria do Verde.

Então a única questão e isso o Paulinho Rodrigues também falou das exigências da LAI, o que o que a gente vai fazer? Quando a gente faz uma obra hidráulica, tem uma área de escavação, a área diretamente de intervenção tem que ser devolvida e refeita integrada ao meio ambiente e tal e essa reintegração está nas exigências do licenciamento ambiental. A Secretaria vai refazer esse entorno da obra de acordo com a orientação da Secretaria do Verde. Agora como vai ficar o conceito do parque em geral, isso não posso dizer porque vai depender da Secretaria do Verde.

O que eu posso dizer é que o projeto foi concebido na época pela equipe do Eduardo Jorge de uma maneira mais grandiosa, digamos assim. Hoje a gente está vivendo um momento em que os projetos estão ficando mais enxutos. Então a tendência realmente é de se reduzir essas desapropriações como a nossa secretaria faz.

Imagino que a Secretaria do Verde também faça um projeto um pouco mais enxuto, procurando preservar os moradores no local. Mas isso é algo que ainda não está definido. Vai ser um etapa depois da obra hidráulica. O Euler ressaltou a importância dessas obras econômicas, com ênfase na reservação, é uma questão que nós buscamos realmente.

Esse compromisso de que essas questões vão ser revistas, que esses parques, seus projetos vão ser revistos, seria objeto de uma conversa com a Secretaria do Verde realmente. Não temos essa autonomia para fazer.

No caso da modelagem da bacia, posso dizer que os projetos de drenagem

tenham, em geral, um horizonte de 20 anos, ou seja, é feito para perspectiva, e levamos em conta o Plano Diretor, o PDE, então colocamos no cálculo das vazões, no cálculo das estruturas hidráulicas, a situação da Cidade, com o adensamento previsto até 20 anos. Esse que é o horizonte do projeto.

O Cleiton falou também das remoções, de mais comunicação com a comunidade, acho que isso, realmente, é válido. Essa comunicação iniciada numa situação dessas, de audiência pública, é continuada, quando temos, na Secretaria, várias obras em andamento, e a equipe da Secretaria que trabalha na fiscalização da obra, ela promove esse acompanhamento e essa interação com a comunidade com reuniões, muitas vezes, mensais, onde se presta contas do que está sendo feito, das próximas etapas e isso vocês vão ver assim que se iniciar a obra, e como isso é feito de uma maneira bastante interativa.

O Jonas falou um pouco – e acho que é uma questão mais da Prefeitura Regional – sobre sujeira. O Marcelo Gatti perguntou quando começam as obras. Você sabe que eu trabalho na área técnica e, hoje em dia, as áreas técnicas da Prefeitura são, cada vez mais, reféns de uma série de órgãos aos quais temos de nos reportar para que realmente a obra comece. Então essa obra, por exemplo, tivemos uma interação com a Caixa Econômica Federal, que é o órgão que analisa e aprova a liberação dos recursos, mas essa interação foi muito difícil. As exigências foram contínuas.

A Caixa recebe o nosso projeto e diz: “Ah, faz isso, isso e aquilo”. Nós fazemos isso, isso e aquilo, aí eles falam: “Ah, agora precisa isso e aquele”. Daí cumprimos isso e aquele. Daí tem outra coisa, outra coisa, e, assim tem se passado anos. E, infelizmente, temos de prestar contas para o Tribunal de Contas, então, é algo difícil.

A nossa equipe própria do Executivo é composta de engenheiros, é pequena, é reduzida, e trabalhamos duro com o mesmo objetivo: queremos ver essa obra começar. Agora eu não posso garantir, nem dar um prazo para que a Caixa libere esses recursos. O que eu posso prometer é o empenho da Secretaria, do corpo técnico, nesse sentido. Estamos juntos

brigando para que isso saia. Então o que posso garantir é nosso empenho, só isso infelizmente.

William falou também que quer que a obra saia do papel. Eu também quero. Tenho a maior satisfação em ver o início das escavações, o andamento e a conclusão, é isso que me faz ter esse empenho nesse trabalho que eu desenvolvo.

A Bárbara perguntou se as obras estão no Plano de Metas. Estão sim. Acho que é boa a sugestão colocar mais informação no portal da Prefeitura. Eu acho que tem uns trabalhos muito interessantes lá. Vou até destacar para a Bárbara para que entre no nosso portal, na Secretaria, e ver um trabalho que temos, que se chama Cadernos de Drenagem. Estamos estudando algumas bacias e fazendo, com esse conceito de reservação, de parques, em várias bacias.

É claro que tem bacias como o Anhangabaú que você não tem como fazer um parque ali, mas fazemos também alguns tipos de intervenção menos impactantes. Esse trabalho chama-se Cadernos de Drenagem, então, está para download, é um trabalho muito interessante e para os estudantes é muito enriquecedor. Para vocês entenderem um pouco da drenagem e como se faz um plano de controle de cheias. Eu acho que é isso.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Pedro. Vou passar para a Luciana, para que possa trazer um pouco de informações para nós. Deixa só a Prefeita falar, depois vamos deixar todos falarem, aqueles que quiserem fazer novas considerações, e daí fechamos com eles.

A SRA. LUCIANA – Boa tarde novamente. Queria começar parabenizando o Seu Jorge, desculpa, Seu Jonas, pela atitude de fiscalizar. Todos somos contribuintes aqui, todos somos moradores de alguma área e todos temos ciência das nossas obrigações e das nossas responsabilidades, e uma delas é fiscalizar os órgãos públicos e cobrar sim, efetivamente, energicamente, lutar pelos nossos direitos e pelos serviços que temos do Poder Público.

O que eu posso garantir é que 100% das equipes e dos recursos que tenho

alocados, disponíveis, na Prefeitura Regional de Perus estão sendo destinados, atuados e locados na Prefeitura Regional de Perus.

Atendemos, hoje, dois distritos, são mais de 50 km quadrados. Tenho mais de 16km de córregos e cursos de água para poder fazer a manutenção, limpeza e desassoreamento. E essa equipe tem um ciclo: ela vem, faz uma programação, e fecha com o retorno a essa mesma área. Temos total prioridade nas áreas onde há pontos de cheias. Temos 12 pontos de alagamentos, de córregos, nos dois distritos. O principal é aqui, mas também atendo o distrito Anhanguera. E essa equipe também passa por lá.

Então, sim, quando eles estão aqui, estão trabalhando e têm de trabalhar bem. Trabalhar bem feito, então, vamos fiscalizar. E adianto que faço um canal de atendimento, independente de assessoria, independente de agendamento, todas as quartas-feiras, das 8 às 10h, de manhã, na praça de atendimento.

Fora isso sou uma pessoa que sempre está na área. Estive aqui por essa semana por três vezes. Estamos com três obras, uma já iniciada no trecho da parte de contenção de córregos aqui do ribeirão, veio para a Bernardo José de Lorena, e a última fica próxima, onde fica o Centro Espírita, aqui do lado do final do viaduto.

Então, assim, nós temos feito um acompanhamento, mas vou repetir o que eu falei no começo aqui da apresentação: sabemos que minimiza, mas não resolve e a obra é de total e suma importância para a solução desse problema.

Vocês têm aqui na Prefeitura Regional, hoje, pessoas ativas que cobram também, estão com vocês nessa cobrança. Recebi, quando assumi, a equipe do Cades. É uma equipe muito participativa, estão até aqui hoje conosco. Realizamos em torno de dez reuniões com as secretarias, com vereadores, sem vereadores, com total apoio, consciência deles, com cobrança deles, com agendamento deles.

Então, mesmo não sendo de pertinência da Prefeitura Regional de Perus a execução da obra, nós vimos acompanhando com vocês esse drama, vivendo esse drama e

cobrando das secretarias. Os processos estavam parados há mais de cinco anos, os Vereadores sabem como é - o Police está há mais tempo atuando nessa área -, sabem que ficou tempo indo e vindo no mesmo ponto, com os mesmos técnicos. E essa luta hoje e essa união que você vê nesta Mesa conseguiu que esse processo saísse de um ponto de um técnico da Secretaria do Verde e voltasse para a Secretaria de Obras para que fosse encaminhado, andasse, tramitasse.

Então, é assim, o que a gente vê é um trabalho constante, é um trabalho pequeno aqui na Prefeitura Regional, mínimo da imensidão do drama que vocês vivem diariamente. Toda vez que eu vejo a previsão do tempo, a gente não dorme, a gente acompanha, a Defesa Civil está presente. Eu estava no dia da cheia que atingiu a lâmina da água, tenho um canal com três, quatro moradores, vou adicionar você, eles me ligam de madrugada e dizem: “ah, tá chovendo muito, estou com um problema aqui”. A gente aciona a equipe de limpeza, a gente tem um *start* com a equipe da Defesa Civil.

Então, a gente vai melhorar essa comunicação, que está falha, e depois a gente marca para você ir lá e apresentar, tanto as suas ideias, as suas críticas, porque sim, nós vamos fiscalizar os nossos prestadores e vamos trabalhar para que o nosso processo de atendimento seja sempre melhorado e aprimorado e que a expectativa de vocês seja atendida.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Agradecer a Luciana. Eu vou, antes de fazer o encerramento, passar a palavra para o Mario, que pediu a manifestação, e para o Jonas. Os dois vêm, fazem a manifestação rapidamente e depois faremos o encerramento.

O SR. MARIO – Pedro, quando você fala: “as desapropriações são mínimas, pode até uma parte do terreno”, qual é o método construtivo dessa obra? Porque se você fizer um muro de gabião reto, você vai pegar um tanto do terreno; se você fizer um muro de gabião na diagonal, você pega mais terreno; e se você não fizer nenhum gabião e fizer de concreto, por exemplo, na Rua Castenot (?), em que as casas estão encostadas no córrego, se não for esse

método, você irá acabar desapropriando essas casas. Então, precisamos pensar nisso.

Vou fazer um pedido: na próxima vez, gente, que tiver uma audiência pública aqui, por favor, tragam o representante da Secretaria do Meio Ambiente, porque mais de 50% das perguntas não foram respondidas, porque não tem o técnico da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Então, a Prefeitura precisa se conversar sobre um projeto importante desse para a população.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Agradecer ao Mario. Continuaremos insistindo para que a Secretaria do Verde participe, como insistimos nos quatro anos anteriores e com muita dificuldade, ela apareceu. Jonas.

O SR. JONAS – Se a senhora fala que tem fiscalização, por que a gente não vê ninguém aqui perto de nós? Por que o rio continua sujo desde a última vez que a máquina saiu daí e está cheio de areia lá? A senhora já chegou a olhar lá atrás para ver como está o acúmulo de areia? A senhora tem noção do acúmulo de areia? A senhora tem noção de que, se por essas horas chover, o quanto nós vamos sofrer? A senhora tem noção ou sabe da cheia que teve aí, como a senhora mesmo falou? Ninguém veio lavar a nossa rua e nós tivemos que usar a nossa água e ninguém falou em abaixar o preço da água que tivemos de lavar a rua, por causa do mau cheiro? Não veio ninguém: a Defesa Civil, o pessoal da Nova, não veio ninguém.

Então, a senhora está com uma fiscalização muito ruim. Infelizmente, muito ruim, a ponto de ninguém saber nem onde a senhora anda de quarta-feira. A senhora nem imagina como está a fiscalização da senhora, então.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Jonas. Secretário, Fabio Riva, nosso Vereador da Comissão de Política Urbana. Vai falar, Bárbara? Então, venha. Como você foi a última do primeiro bloco, você será a última do segundo bloco.

A SRA. BÁRBARA – Boa tarde novamente. Eu gostaria só de esclarecer uma pergunta que eu fiz e por conta do nervosismo não saiu quase nada. Sobre a divulgação que

foi feita no *Diário Oficial*, por que não é feito, como eu posso dizer, um portal para ser anunciado ao município de Perus? Porque, como o senhor pode ver, era para o Município estar, pela parte de lá, completo aqui, ou seja, os interessados. E senhor que está falando da inundação da rua, de fato, deveria fazer a rua dele todinha estar aqui, entendeu? Eu gostaria de saber somente isso.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – A divulgação da nossa reunião?

R– Isso.

P – A responsabilidade não é dele. A responsabilidade é nossa, lá da Câmara.

R – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – A gente explica para você, está bem?

Muito obrigado, Bárbara.

A SRA. BÁRBARA – Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Fabio Riva.

O SR. FABIO RIVA – Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Quer falar? Então, venha ao microfone.

O SR. FABIO RIVA – Aqui a gente ouve todo mundo.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Temos só mais alguns minutinhos para cumprirmos o compromisso de entregar às 17h30. Então, vamos esgotar esse tempinho até o fim. Então, Bárbara, você não foi a última, mas falou duas vezes. Só fale o seu nome quando começar para deixarmos no registro.

A SRA. CLEONICE – Boa tarde, gente. Eu gostaria de inteirar o que ela falou, porque aqui em Perus, a gente tem o jornal circular de todas as notícias. Não poderiam estar essas informações nesse jornal?

P – Como a senhora se chama?

A SRA. CLEONICE – Cleonice, eu sou de CIEJA. Eu gostaria, sei que não está na pauta, mas Perus cresceu muito, triplicou a população e é uma vergonha aqui em Perus não

ter um hospital, eu gostaria de saber por quê.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito. Obrigado, Cleonice, de CIEJA. Riva.

O SR. FABIO RIVA – Vou ser bem breve, o que foi dito por todos os que usaram o microfone trouxe-nos algumas coisas importantes e a preocupação de que também é nossa, minha e do Neto, porque quem fica aqui na ponta, principalmente vocês: o Sr. Jonas, com toda a razão nas reclamações, o meu amigo corintiano ali também, enfim, o Marcelo. Desde que vim aqui pela primeira vez com o Zerbini lá atrás, quando ele era Vereador em 2001, até ouvíamos falar disso. Acho que o Mario era prefeito regional, você foi, não é Mario? Acho que o Mario era prefeito regional, então vejam como o tempo passa e a situação somente se agrava.

Então, faço coro com o Police de nos empenharmos nisso, de cobrarmos em nome de vocês. Cada um aqui é muito responsável com o seu voto, mas quem está vindo às últimas reuniões somos eu e você, não é Neto? Então, assim, também o Toninho, através de você, Mario. O Mario sempre o representa, mas não está o Parlamentar aqui, que tem o voto.

Essa é a questão. Eu fui assessor, como você, muitos anos do Deputado Zerbini, quando ele era Vereador, e vinha representa-lo. Mas é diferente a representatividade do fato de o Vereador Toninho estar aqui com a gente, ouvir, expressar seu voto na hora de votar, fazer a defesa da região. Acho que tem espaço para todos, e a gente só ganha no crescimento político quando se tem interesses comuns, independentemente das pequenas coisas que separam os Vereadores.

Acho que essa é a nova política, de resgatar algumas coisas, principalmente a confiança de vocês, que já estão há 15 ou 20 anos sofrendo com um problema que a gente já poderia ter sanado, em 2016, e já estamos em 2018, por isso vocês já estão cansados de ouvir o que foi apresentado aqui hoje. Então, a nossa ideia é somar esforços para que isso saia do papel e que, da próxima vez, o Sr. Pedro ou o próprio Secretário Vitor Aly venha aqui dizer: “O custo da obra é x e ela começa em tal data”. É isso que todo mundo está esperando, porque

senão a gente fica só no blá-blá-blá e as coisas não avançam.

Eu quero fazer um chamamento de forma muito responsável, porque quando a gente fala em desapropriação a grande maioria dessas famílias interessadas comparecem em massa, vem, participa; e hoje a palavra remoção, desapropriação, está por hora riscada do processo. Então eu peço e clamo a vocês que continuem a participar, porque o que não está inserido hoje pode voltar, mas depois será tarde demais para a gente reverter isso. Por isso, a participação popular é importantíssima nessa situação.

Vou deixar para o Vereador Police falar sobre essa questão de divulgação. Eu só queria fazer essa ponderação de que a gente vai lutar para isso, outros Vereadores também, mas é de suma importância que mantenha as pessoas que estão interessadas por conta de uma desapropriação, e que continuem interessadas por conta do início de uma obra que é importante para Perus.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Vou explicar para a Sra. Bárbara qual a divulgação que a Câmara Municipal de São Paulo faz, e qual a divulgação que a gente pode fazer.

O Portal da Câmara está divulgando, há 20 dias, esta audiência pública. Além disso, teve a divulgação no *Diário Oficial*, que é obrigatória,

Eu tomei a cautela de também fazer uma divulgação no limite das minhas mídias sociais. Então, alguns devem ter recebido um convite por Whatsapp, Facebook, Instagram. É lógico que um Parlamentar não tem alcance a toda a sociedade, mas a gente consegue chegar a alguns.

Mas o importante é que foi divulgada no canal de comunicação da Câmara, portanto, se nos últimos 20 dias, alguns acessaram a primeira página do Portal já veria a convocação desta audiência para hoje. Como não é uma rotina a gente olhar os canais públicos, a gente não vê o que está acontecendo com a nossa vida em sociedade, então,

talvez fique de ensinamento que, uma vez por semana, ou a cada três dias, a gente acesse o *site* da Câmara para ver se terá audiência pública.

Por que a gente pede telefone e *e-mail* de vocês? Porque ao preencher esses dados vocês passam a receber informações da nossa Comissão. Assim, saberão das reuniões que a Comissão realizará. Então sugiro que preencham essa lista para receber essas informações.

Quero combinar três coisas que acho fundamental. Uma delas depende do Sr. Pedro e da Sra. Luciana. Temos aqui uma obra que envolve um volume de recursos que não vemos em nosso território desde a construção do CEU Anhanguera. Então, desde o Governo Kassab a gente não vê um investimento nesse território com tal volume de recurso. Portanto, é uma obra que põe Perus num eixo de prioridade.

O Pedro falou ao microfone que essa obra foi priorizada, portanto ela está não só na prioridade do Governo, como no Plano de Metas. E o que eu quero saber de vocês dois é se a gente pode ter um relatório mensal, tendo como ponto inicial a reunião do dia de hoje, para atualizar toda a nossa sociedade, que poderá acessar da página da Prefeitura Regional e saber o que aconteceu em um mês, a partir do dia de hoje. Assim, a gente tem informações técnicas da Secretaria do Verde, porque o Pedro tem como cobrar, no Portal da Prefeitura, facilitando de ter que olhar em todas as Secretarias, tudo o que está acontecendo, sendo que é uma obra que já é prioridade, logo, os esforços estão lançados para ela. Também pode imprimir o relatório para acesso das pessoas que não têm acesso e a gente deixa pregado na parede, respeitando aqueles que ainda não estão no mundo digital e virtual.

O segundo é um compromisso meu e do Vereador Fabio Riva. Nós temos que aprovar na LDO essa obra. Portanto, deixar claro que o orçamento a ser produzido pela Câmara tem que produzir o efeito de recepção dos recursos da União, já que tem contrato assinado com a Caixa Econômica Federal. E se a Secretaria identificar que é necessária alguma contraprestação financeira, que não as desapropriações já realizadas, a gente também

saber para, até o final do ano, conseguir colocar isso no ar. Esse é um compromisso meu e do Vereador Fabio Riva, mas também pode ser do Vereador Toninho.

Se o início de obra for este ano, que é o nosso desejo, não há risco de ter interrupção no próximo ano porque a gente estará lançando ele na LDO.

Como ele está no Plano de Obras, a gente não tem dificuldade de colocar na LDO porque ele está no Plano de Obras, então tem sentido ele esta na LDO, e portanto, estamos começando a dar a ele a prioridade que está anunciada.

E o terceiro, aí acho que ele não é menos importante que todos os outros, mas é um pouco em respeito aqueles que não puderam estar aqui. Deixar combinado, que o mais tardar, até setembro, então vamos passar: julho, agosto, em noventa dias, a gente volta para fazer uma outra reunião muito parecida com essa, que vamos fazer, todos juntos, um grande esforço, para que tenhamos toda comunidade convidada, e aí invertemos a lógica.

O Pedro, já sabe as perguntas. Pode ser que nos três relatórios que nos dividem nesse período, o relatório dos dois próximos meses, e a nossa reunião ele já tenha dado muita das respostas que foram aqui questionadas. Mas se não foi, ele já sabe a pressão que ele vai ter. Já está exposta. Vai querer saber qual modelo construtivo para ter o menor número de desapropriações, desapropriação nenhuma, que é o que se deseja. Qual o grau de participação que a sociedade vai ter na elaboração do recheio dessa área pública que será um parque obrigatoriamente. O quanto vamos poder ter uma escola ambiental, que represente um território que de fato discuta esse tema, discuta a partir da sua própria população. Então não é algo que veio de baixo para cima. A atividade econômica que é absolutamente desejada e tem de ser estimulada, tem de estar muito próximo dessa grande obra, e portanto, como nós podemos estimular essa atividade econômica de forma que ela seja absolutamente conectada com essa preservação ambiental e temos empresas aqui, reconhecida nacional e internacionalmente, talvez um detalhe que muitos não saibam, todo modelo que foi implantado dentro de mecanização da Sala São Paulo, foi feito por uma empresa daqui do bairro que está

naquele trechinho. Têm coisas que temos aqui, que são reconhecidas nacional e internacionalmente e muitas vezes nem sabemos que está aqui. É para tentar essas três...

Pode falar professor.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito. A gente só não pode aprovar, o requerimento, aqui precisamos dos outros Vereadores que não tiveram, senão a gente faz isso já. Mas levamos isso para a reunião de quarta-feira, tanto essa obrigação da Secretaria do Verde em nos acompanhar, não é mais convite, é uma obrigação e do outro lado, conseguir deixar marcado para setembro, quem sabe, 10, 12 de setembro. Podemos marcar nesse período próximo ao dia 10, para cumprir esses três meses.

Gostaria de agradecer muito ao CEU que nos concede mais essa oportunidade, todas às vezes, em todas as gestões. Nunca tive negado espaço no CEU para qualquer debate que foi aqui realizado. Dos mais simples, dos mais complexos, dos mais tensos, dos menos tensos. Então agradecer muito as equipes que se sucedem. Vi aqui atual gestão, gestões anteriores. Agradecer a todos aqueles que em algum momento passaram aqui no CEU, e sempre nos deram essa super acolhida, porque esse equipamento é super importante para o território e que bom que ele é um grande equipamento que mostra que a educação tem de estar no centro das nossas decisões políticas.

Segundo, agradecer muito a Elaine, o Cido e o Inamar. São os nossos funcionários lá da Secretaria das Comissões. Agradecer porque não mudam a rotina deles de segunda a sexta, para estar aqui no sábado fazendo essa audiência com vocês. Então eles não trabalham menos de segunda a sexta para estar aqui, no sábado. Então agradecer muito a eles. E a nossa comissão é atrevida. Ela sai da Câmara Municipal de São Paulo para fazer reunião em tudo quanto é lugar. Mês passado estávamos no CEU Anhanguera fazendo uma discussão do transporte. Agradecer muito, e eles gostam. Não pense que para eles é um fardo. O pessoal gosta. E gosta mesmo. Agradecer o Pedro, que é consultor técnico concursado como os outros

três que anuncie. O Pedro tem a responsabilidade de muita das coisas técnicas que são aqui faladas, que o Pedro fala, que o professor falou, que o Paulinho trouxe, com muita competência, o que o grupo aqui vem e contribui, o Pedro é aquele que depois nos assessorava para ver como podemos apertar o Executivo em coisas que ele não está fazendo. Então o Pedro tem essa responsabilidade. O Pedro, também não reduz a carga dele durante a semana para estar aqui no final de semana. Agradecer o Rodrigo, que garante o que vocês falaram e o que nós falamos, seja gravado, e vá para o Portal da Câmara Municipal de São Paulo, porque quem não veio, vai poder, pelo menos, ouvir tudo que falamos aqui, A gente não consegue mais gravar e transmitir, tínhamos lá atrás a gravação. Nos dois anos em que fui presidente, a gente gravava todas as audiências externas para colocar o vídeo no ar. Infelizmente isso parou, mas uma hora recuperamos. E agradecer as nossas duas interpretes. Não sei se os senhores viram, temos duas interpretes: a Mônica e Nayara. Elas são interpretes mas tem um negócio mais interessante, são interpretes e elas têm uma relação que é das mais gostosas que existe: mãe e filha. (Palmas)

É muito bom estar em um espaço que estamos discutindo coisas aqui muito duras. Eu recebo, semanalmente, cobrança do grupo de moradores e não fico triste de ser cobrado. Queria terminar com isso, que para mim é o principal elemento para que eu continue nessa batalha. Não fico triste de ser cobrado pelos moradores que a obra não saiu, por dois fatores: uma, é que eles ainda acreditam em mim, porque não estão cobrando de outros. Essa questão para mim é fundamental e o segundo que eles não desistiram de cobrar, portanto eles ainda entendem que tem força para realizar obra. Para ajudar nessa decisão. Tem um atraso grande aqui dito pelo Fábio que veio aqui como assessor do Marco, e o Mario era Prefeito Regional. Estamos falando aqui de 18 anos. Tem um atraso superior a isso. Mas também tem uma solução que é melhor do que as soluções que historicamente foram apresentadas para muitos controles de cheias. Temos de aproveitar isso que está sendo muito qualificado. Está sendo qualificado porque não vai ter desapropriação, está sendo qualificado porque vai ter uma

participação mais ativa da sociedade, mas tem algo hoje que não deixa ninguém diminuir o tom da cobrança. É o cansaço. Todo mundo está muito cansado e próximo de não acreditar mais. Por isso vou pedir muito para o Pedro, sabendo das limitações dele, porque eu, o Fábio, o Toninho, vamos apertar muito, queremos uma solução objetiva em 2018.

É importante isso, porque se não colocamos algumas metas, colocamos a meta de voltar aqui em agosto, a meta de ter um modelo de divulgação. Se não colocarmos metas, não chegamos a lugar algum. Então para ter audiências públicas, cada vez mais com compromisso, aqui ficou o compromisso do relatório mensal, todo dia 10, no máximo, o nosso reencontro aqui em setembro e um trabalho que vai envolver todos os senhores, que vai envolver muita gente, de ter senão início de obras, contratos assinado com recurso definido, ainda esse ano. Precisamos ter uma luz objetiva para não perdermos toda esperança. Muito obrigado a todos. Um bom final de semana.

Estão encerrados nossos trabalhos.